



A.O.S.C.M.P.

CONCERTO 155

DÉCIMO SEXTO DA TEMPORADA 1951-1952

ORQUESTRA SINFÓNICA

DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO

DIRECTOR DE ORQUESTRA

FREDERICO DE FREITAS

COM A COLABORAÇÃO DO "CORO DE CÂMARA"

PEQUENAS CANTORAS DE PORTUGAL

DA DIRECÇÃO DO MAESTRO

VIRGÍLIO PEREIRA

NA NOITE DE 23 DE JULHO DE 1952 — ÀS 21,45 HORAS

NO

TEATRO RIVOLI

PROGRAMA

I

ÁRIA DA SUITE EM RÉ MAIOR (orquestra de arco) . . . **J. S. Bach**

LAMENTAÇÕES (orquestra e coro) **Luís Rodrigues**

Primeira audição mundial

EIA MATER FONS AMORIS (orquestra e coro) **Berta Alves de Sousa**
do Stabat Mater

Primeira audição mundial

ORAÇÃO À LUZ (orquestra e coro) **César de Moraes**

Primeira audição mundial

II

CARNAVAL EM PARIS — Abertura **Svendsen**

Primeira audição no Porto

MURMÚRIOS DA FLORESTA da ópera Siegfried **Wagner**

BACANAL da ópera Tannhäuser (orquestra e coro) **Wagner**

Pela primeira vez nestes concertos

O NAVIO FANTASMA — Abertura **Wagner**



FREDERICO DE FREITAS

PEQUENAS CANTORAS DE PORTUGAL

Este Coro de Câmara portuense, fundado pelo Maestro Virgílio Pereira e patrocinado pela Junta de Província do Douro Litoral, representa uma das mais notáveis realizações artísticas do País, no plano da música vocal.

É constituído por dezena e meia de meninas que vêm sendo educadas ininterruptamente, desde há anos, pelo mesmo Maestro, tendo cantado, sob a sua direcção, em dois concertos realizados no Teatro Nacional de S. Carlos, por iniciativa da Juventude Musical Portuguesa; na Sociedade de Concertos (Círculo de Cultura Musical) da Madeira; nos concertos realizados em Santarém e Aveiro, sob o patrocínio do Círculo de Cultura Musical; em Coimbra, destacando-se, entre os quatro concertos aqui realizados, o seu recital na Faculdade de Letras, a convite do Orfeão Académico; Braga, Viseu, Leiria, Viana do Castelo, Vila Real, Guimarães, Figueira da Foz, em suma, em todos os centros musicais do Continente e na Ilha da Madeira, tendo colaborado, não só com a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto (1950), mas também com Pierino Gamba (1948), num concerto em que este se apresentou pela primeira vez como pianista. São-lhes, pois, extensivas as palavras de alto apreço escritas no Album de recordações de Virgílio Pereira, pelo Dr. Hernani Cidade, jornalista Paulo Freire, Dr. João de Freitas Branco, Maestro Frederico de Freitas, compositor Ruy Coelho, musicólogos Manuel Joaquim e Mário de Sampaio Ribeiro, Prof.^a Berta Alves de Sousa, Maes-

tros Rafael Benedito, Romeo Arduini, Ino Savini, Pierino Gamba e Roberto Benzi, compositor Lopes Graça, Mr. Arnold, director do Ballet Inglês, e muitos outros.

As PEQUENAS CANTORAS DE PORTUGAL, recebidas em audiência particular pelo Maestro Leopoldo Stokowsky, quando da sua memorável passagem pelo nosso País, seduziram-no de tal modo que declarou estar disposto a fazer quanto pudesse para que elas fossem ouvidas na América do Norte. O autógrafo que lhes concedeu diz muito expressivamente: «Recordarei sempre a vossa maneira de cantar, maravilhosa, e desejaria poder ouvir-vos muitas vezes».

De resto, não foi aquela alta personalidade do mundo da Música a única a desejar levá-las ao estrangeiro, porquanto já foram elas convidadas, por mais de uma vez, para tomarem parte nos Concursos Internacionais de Llangollen, no País de Gales, e solicita-se a sua apresentação na América do Sul e nas salas de concerto da vizinha Espanha. Aqui é já bem conhecido o seu nome, pois não há muito que a excelente Revista Musical de Madrid — «Coral» — lhes dedicou um longo artigo biográfico ilustrado, onde se diz nomeadamente: «Nas actividades corais lusitanas um Coro se destaca pela excelência da sua preparação técnica, pela variedade dos seus programas e pelo estilo inconfundível das suas interpretações. Trata-se do coro de câmara Pequenas Cantoras de Portugal. O Maestro Virgílio Pereira demonstrou que o quarteto vocal, sob a forma de coro de câmara, pode situar-se no mesmo plano da música de câmara por quarteto instrumental...»

É este Coro de Virgílio Pereira, que a Direcção da O. S. C. M. P. tem a honra de apresentar hoje aos seus consócios e ao distinto público que frequenta os seus concertos.



PEQUENAS CANTORAS DE PORTUGAL

PEQUENAS CANTORAS DE PORTUGAL

1.º SOPRANOS :

Margarida Reis Monteiro
Maria dos Anjos da Conceição Gomes
Maria do Espírito Santo da Conceição Brenhas
Maria da Glória Longras
Maria Teresa de Jesus Vaz e Sá

2.º SOPRANOS :

Maria de Jesus Rodrigues de Sousa
Maria de Lourdes Carvalho Teixeira
Olinda da Silva Ribeiro
Rosa Maria de Oliveira

1.º CONTRALTOS :

Alice Moreira da Silva
Maria Adelaide da Silva
Maria Helena Vaz e Sá

2.º CONTRALTOS :

Baptistina da Costa Neves
Maria Vitória Pereira Brandão Rodrigues Valle
Rosa Cândida Pinto

NOTAS EXPLICATIVAS

JOÃO SEBASTIÃO BACH (1685-1750)

ÁRIA DA SUITE EM RÉ MAIOR

Figura gigantesca da História da Música, J. S. Bach é o coruchéu de um edifício monumental que representa o último termo do movimento polifónico.

Extraordinário artista do contraponto, o seu talento foi, todavia, multiforme, manifestando-se, com magnífica opulência, num sem número de obras-primas, muitas das quais extraviadas e, por isso mesmo, inéditas e, já agora, ignoradas.

A «ária» que hoje se executa é extraída da *Suite* em Ré Maior, e transposta para a quarta corda dos violinos, no tom de Dó.

P. e LUIS RODRIGUES

LAMENTAÇÕES

Este compositor que disfruta hoje de uma posição de grande relevo entre os musicólogos nacionais, fez um brilhante curso de harmonia, contraponto e princípios de fuga, com o consagrado prof. Cláudio Carneiro, depois repetido, durante sete anos, com o grande Mestre Ch. Coechclin, com quem seguiu também o estudo do coral de escola e do coral moderno, e um curso de fuga, composição, orquestração e interpretação dos polifonistas clássicos.

Consagrou-se também ao canto gregoriano, segundo a escola de Wandrille, com Dom L. David, e segundo a escola de Solesmes, com Dom E. Cardine e com Dom J. Gajard.

Aluno de Potiron em acompanhamento de canto gregoriano, segundo o ritmo de Solesmes, e de Kreps e Peeters, segundo a escola belga, o Padre Luís Rodrigues conseguiu ser sempre o discípulo dilecto de todos esses grandes mestres, sendo de salientar o conceito em que o tinha de, «seu irmão mais novo», como o tratava o egrégio Koechclin, esse verdadeiro gigante da composição, de que recebeu influência decisiva, na forma de compor.

As *LAMENTAÇÕES*, hoje tocadas, reproduzem os cânticos com que no século IV, em Jerusalém, se celebrava a cerimónia da adoração da Cruz, em Sexta-feira Santa. «Meu povo, que te fiz eu?! Em que te contristei?!... Foi por te haver tirado do Egipto que levantaste uma cruz ao teu Salvador?!... Foi por te guiar, através do Deserto, durante 40 anos, por te alimentar com o maná e por te levar para uma terra tão fértil... que me preparaste uma cruz?...»

Não obstante este apontar de ingratidões, o Salvador não dá quaisquer indícios de querer vingar-se do seu povo. Os seus queixumes vão envoltos num misto de brandura e de perdão — discreto convite ao arrependimento e ao volta-face para Ele, que é o seu Deus.

E como tudo respira tristeza, doçura e bondade, qualquer exibicionismo musical, por muito composto que fosse, seria fora de propósito. Por isso é que as vozes cantam um quase fabordão, adentro do clima rítmico da língua latina e com «jubilus», mais ou menos embalados, à maneira da liturgia de S. João Crisóstomo da igreja russa.

Quanto à orquestra, limita-se à maior simplicidade, para condizer com o coro. Os interlúdios são uns simples elementos de ligação entre uma e outra frase do coro, como que recordando o que foi cantado, ou antecipando o que vai dizer-se, sem a pretensão de propor coisas novas.

A Introdução não é um elemento à parte; toda ela se integra no pensamento do texto: o povo de Deus, esquecendo-se do seu Senhor, e Este tratando dos homens, como se deles não recebera afrontas.

O Padre Luís Rodrigues, além de compositor, com uma avultada biografia de música sacra, é também historiógrafo e crítico musical, devendo-se-lhe um estudo biográfico de Mussorgski e outro de Debussy, além de valiosa colaboração na revista internacional de música sacra, de Colónia, «Zeitschrift Für Kirchenmusik», como representante de Portugal.

BERTA ALVES DE SOUSA

STABAT MATER

(5.º andamento)

A distinta maestrina e compositora Berta Alves de Sousa fez os seus estudos musicais no Conservatório do Porto, onde foi discípula de Bernardo Valentim Moreira de Sá e de Luís Costa, e onde obteve as mais altas classificações. Em Paris, aperfeiçoou-se com o famoso pianista-compositor húngaro Theodore Szántó (escola Busoni) e com o célebre pianista Backhaus. Estudou composição com George Migot, e, em Portugal, contraponto, fuga e orquestração com Lucien Lambert e Cláudio Carneiro. Procurando aperfeiçoar-se em direcção de orquestra, frequentou o Instituto de Música para Estrangeiros, de Berlim, tendo como mestre Clemens Krauss. Em Portugal tomou conselhos com os mestres Pedro de Freitas Branco e Viana da Mota. Obteve o Prémio Moreira de Sá no Orfeon Portuense, e várias Menções Honrosas nos Jogos Florais da Primavera, organizados pela Emissora Nacional, por Canções, assim como no Círculo de Cultura Musical. Na lista das suas composições figuram obras de todos os géneros: música de câmara, religiosa ou sinfónica. Destacamos nela, entretanto, uma «Ave-Maria», recentemente publicada, que alcançou invulgar êxito, um «Padre Nosso», o poema sinfónico «Vasco da Gama» e o *STABAT MATER* cujo 5.º andamento hoje se apresenta em primeira audição, numa adaptação para coro feminino e orquestra de arcos. É um trecho, como a «Ave-Maria», muito inspirado no texto, e de onde emana sincera emoção e espiritualidade. Reproduzimos a letra: «Eia Mater fons amoris, me sentire vim doloris, fac ut tecum lugeam. Fac ut ardeat cor meum, in amando Christum Deum, ut sibi complaceam».

Berta Alves de Sousa é professora do Conservatório de Música do Porto, escreve a crítica musical do jornal «O Primeiro de Janeiro»; tem-se apresentado como conferencista; e é actualmente vogal da Comissão Permanente de Letras e Artes do Instituto para a Alta Cultura.

CÉSAR DE MORAIS

ORAÇÃO À LUZ

Natural da freguesia de Canelas, do concelho de Gaia, César de Morais dedicou-se, desde muito novo, ao estudo da música. Aos 6 anos iniciava-se em solfejo e violino, aos 8 em piano, e aos 9 ingressava no Conservatório de Música do Porto, nas aulas de Luís Costa para piano, e nas de Lucien Lambert para composição. Concluídos os estudos, à música se dedicou. Fez-se professor. Todavia, não deixou de tomar parte em inúmeros concertos, quer como solista, quer como acompanhador.

Lendo à primeira vista, com espantosa facilidade, sucedeu-lhe em 1935 ter de acompanhar, inteiramente de improviso, um grande concertista. Tratava-se do violinista Isaac Feldmann, cujo acompanhador adoeceu, precisamente à hora em que, no Teatro Carlos Alberto desta cidade, devia começar a audição. Embaraço. Perplexidade. Mas César de Morais estava presente. Alguém lembrou-se dele e tendo-o arrastado para o palco, o concerto foi realizado com a mais extraordinária felicidade. Feldmann quis levá-lo consigo. Mas César de Morais, que tinha 17 anos e não queria deixar a Mãe, declinou o seu convite.

Como compositor, foi também de notável precocidade, assinando aos 14 anos

a missa a 3 vozes «Mater Admirabilis», com que venceu decisivamente a sua forte personalidade.

Trabalhador incansável, a sua actividade exerce-se como Professor, como Mestre de Capela da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, como concertista e como compositor, subcrevendo, nesta qualidade, uma vasta e valiosa bibliografia de música religiosa e profana, de que se citam 10 Estudos, 25 Prelúdios, Nocturnos, Fantasias, Agualelas, Valsas, Missas, Te-Deums, Magnificats, Ave-Marias, Salutaris, Tantum-Ergos, Ladainhas, Graduais, etc.

Abordando os grandes temas, escreveu a «Vida de Jesus», a «Suite Mística», a «Dança das Bruxas», os «Bailados Exóticos», a «Missa Solene» a 7 vozes, o poema sinfónico «Outono», a «Sinfonia de Abril».

A ORAÇÃO À LUZ, dada hoje em 1.ª audição, é inspirada no poemeto de Junqueiro, revelando-se como uma prova exuberante da capacidade do compositor, traduzida em espiritualidade, ansiedade e beleza, num requinte de emoção que só os grandes artistas conseguem atingir.

JOÃO SEVERIN SVENDSEN (1840-1911)

CARNAVAL EM PARIS (Ab.)

Natural de Cristiânia, Svendsen fez os seus estudos musicais em Leipzig, vindo a ocupar, mais tarde, o cargo de chefe de orquestra da corte dinamarquesa.

Sendo um dos maiores sinfonistas do final do século XIX, deixou uma obra vastíssima, quase toda inspirada em motivos escandinavos, por ele aproveitados com felicidade inegualável.

Da sua bibliografia destacam-se sobretudo a abertura de «Sigurd Slembe», de Björnson, o «Zorohayde», a «Hochzeitsfest» e esse curioso *KARNEVAL IN PARIS*, hoje dado em 1.ª audição nesta cidade, e do qual transpira a graça esfuziante, a leveza e o desenfado de um espírito verdadeiramente parisiense.

RICHARD WAGNER

1 — BACANAL (da ópera "Tannhäuser")

O tema de «Tannhäuser» é, em resumo, a luta entre o amor carnal e o amor espiritual, segundo os textos de Heine, Tieck, Hoffmann, irmãos Grimm e o do velho poema do século XVI, intitulado «Lied popular de Tannhäuser».

A *BACANAL* pertence ao 1.º acto, que decorre em Venusberg (a montanha consagrada ao amor), numa gruta inundada pelo mar, em que se banham adoráveis Ninfas.

As bacantes dançam freneticamente, enquanto os cantos das sereias atraem os amorosos para aquela deliciosa estância de prazer.

2 — MURMÚRIOS DA FLORESTA

Os *MURMÚRIOS DA FLORESTA* fazem parte do 2.º acto de *Siegfried*, obra que se estreou em Bayreuth a 16 de Agosto de 1876, sob a regência de Richter.

A história de *Siegfried* é conhecida, consistindo em libertar a louca Brunilde, a quem o pai fizera adormecer rodeada de chamas, para que ninguém pudesse atentar contra a sua pureza.

O anão Mime que ambicionava certo anel que se encontrava na posse de um dragão, e cuja magia era tão grande que tornaria poderoso e opulento quem quer que o possuísse — teve a ideia de utilizar *Siegfried* para a conquista do tesouro, internando-se, com ele, na floresta onde o dragão estava recolhido. Aniquilada a fera e havido às mãos o precioso anel, logo o herói se sentiu dotado de extraordinárias faculdades que lhe permitiram compreender, através do gorgoejo das aves,

quais os objectivos do anão, e qual o sítio em que Brunilde se encontrava enclausurada. Então, matando Mime, penetra afoitamente no coração da floresta, vencendo os obstáculos e dominando as chamas, até chegar à beira da louca virgem adormecida. De toda a partitura, em que há fragmentos da mais deliciosa inspiração, os *MURMÚRIOS DA FLORESTA* é um dos mais empolgantes trechos que jamais foram compostos.

3 — O NAVIO FANTASMA

O tema do *NAVIO FANTASMA* colheu-o Wagner numa viagem de Riga para França, a bordo do «Thétys», em que, no fragor de medonha tempestade, a fúria dos elementos vivamente impressionou o compositor.

Uma vez no mar, deflagra a tempestade. E o vento ciclónico, ameaçando desconjuntar o navio, acaba por atirá-lo para as costas da Noruega, onde, após uma noite em que tudo se julgou perdido, foi possível conseguir-se um abrigo no Fiord de Sandrigen.

A tripulação do barco, louca de alegria, entoia cânticos de louvor, deles colhendo o músico foragido a sua primeira inspiração para o «canto dos marinheiros» do *NAVIO FANTASMA*.

A tradução musical da tempestade marítima, em que as ondas se sentem bramir e a natureza se manifesta dramática e sublime, é realmente genial, revelando bem as fundas impressões que a viagem no «Thétys» gravou na alma do compositor que, pode dizer-se, fazia então a sua viagem de núpcias com Minna Planer, com quem recentemente havia casado.

J. N. V.

Traga mais um sócio, contribuindo, assim, para a divulgação da Música em Portugal e para lhe poder ser proporcionado a grande oportunidade de apreciar os maiores regentes e os mais notáveis solistas à frente da Orquestra Sinfónica do Porto.

Telefone da Associação 24393

Preço 2\$50